

“TENHO UMA OBSERVAÇÃO A FAZER-LHE” (CARTAS ANÔNIMAS A MÁRIO DE ANDRADE)

Marcos Antonio de Moraes¹

RESUMO

Contextualização de cartas anônimas remetidas a Mário de Andrade (1893-1945), conservadas no Arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Apreensão de mecanismos sociais, culturais e psicológicos que engendram mensagens não assinadas. Seleta de cartas anônimas focalizadas no artigo.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Cartas anônimas. Arquivo de escritor. Epistolografia. Sociabilidade intelectual.

**“I have a point to make”
(anonymous letters to Mario de Andrade)**

ABSTRACT

Contextualizing the anonymous letters sent to Mario de Andrade (1893-1945) preserved in the archives of the writer in the Instituto de Estudos Brasileiros in the University of São Paulo. Considerations on the social, cultural and psychological mechanisms, which produce these types of, unsigned letters. A selection of these anonymous letters are examined in this article.

Keywords: Mário de Andrade. Anonymous letters. Archives of the writers. Letter writing. Intellectual sociability.

¹ Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. moraesusp@gmail.com

MÚSICA DE PANCADARIA

Mário de Andrade, no artigo “Rádio”, do **Diário Nacional de São Paulo**, em 4 de janeiro de 1931, expõe as mazelas da Rádio Educadora Paulista que, após a reviravolta política da Revolução de 1930, vinha sendo capitaneada pelo maestro italiano Giuseppe Manfredini. Para o crítico e professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, a direção artística da emissora tinha mudado “pra pior”. A má qualidade dos programas musicais (“bambochatas [...] cotidianas”) e o amadorismo das execuções (“enxame rutilante, gracioso e deficientíssimo de alunos”) faziam com que a radiodifusora perdesse a sua vocação principal, “virando o que tem de ser educativo num redil de educandos”. A crítica repudiava igualmente a “declamação gemida”, discos substituindo apresentações ao vivo e os impertinentes anúncios de remédios para “moléstias discretas de senhoras” que pontuavam as audições de “musicaria para chorar”².

O autor mexia em vespeiro, desencadeando acalorada polêmica. No mesmo dia da publicação do artigo, à noite – certamente no “horário nobre” –, Danton Vampré, um dos diretores culturais da emissora, vem ao microfone da estação para defender a Sociedade Rádio Educadora. Avaliando-se a réplica de Mário de Andrade e as cartas que recebeu comentando o caso, a fúria do advogado e comediógrafo Vampré transgredira os limites da urbanidade. “Perdeu a tramontana, todas as tramontanas”, afirma o crítico, em 6 de janeiro³. Parecia que estava “espumando de raiva”, avalia, em carta ao escritor, um ouvinte anônimo. Para demonstrar a ineficácia educacional da emissora, Mário, na quarta-feira, 7, voltando à carga, previne os diretores da Sociedade que “nada perd[iam] por esperar”, porque pretendia “em artigos sucessivos, provando com argumentação e fatos, a desmoralidade pública em que estão.”⁴

Efetivamente, até 11 de janeiro, o **Diário Nacional** estampou mais quatro artigos de Mário Andrade, congregando argumentos para desacreditar o “doidivasas” Danton e desmoralizar os diretores artísticos da Rádio, dentre os quais só poupa Marcelo Tupinambá, “um dos mais esplêndidos compositores

² ANDRADE, Mário de. “Rádio” (4 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 303-4.

³ ANDRADE, Mário de. “[P.R.A.E.] - II” (6 jan. 1931). *Música, doce música*. 2.ed. São Paulo: Martins/ Instituto Nacional do Livro, MEC, 1976, p. 210.

⁴ ANDRADE, Mário de. “Rádio” (7 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Ed. cit., p. 305.

da nossa dança popular impressa”, que vinha cumprindo a contento a “parte de coreografia popular da Sociedade”⁵. O crítico musical capitaliza as ofensas recebidas na fala radiofônica. Procura demonstrar a péssima repercussão, na vizinhança hispano-americana, que esse discurso destemperado poderia trazer para uma emissora que se dizia imbuída de objetivos pedagógicos. Encontra também brechas para provar que as mentiras e falsificações do “rábula”, que o chamara de “burro”, maculavam a própria Rádio Educadora, da qual Vampré tinha se arrogado o papel de porta-voz. Pior para a Rádio, afinal, o público podia comprovar que a “Educadora [...] educa mentindo!”⁶

Havia ainda, na “série de artigos bárbaros”⁷ de Mário de Andrade, espaço para aprofundar a acusação de absoluta “indiscrição e falta de critério da Sociedade anunciando indústrias de qualquer natureza”⁸, sob o pretexto de obter rendimentos para a manutenção da entidade. As denúncias, algumas graves, envolvendo questões administrativas, éticas e políticas, acumulam-se; o jornalista encostava na parede a direção artística da Rádio Educadora: “só um gesto existe: pedirem demissão”⁹. A controvérsia ganhava repercussão. Em outro jornal paulistano, **Diário da Noite**, o jovem crítico musical José Antonio Ferreira Prestes também arremessava artilharia pesada contra a Rádio Educadora Paulista: “Todo aquele que possua conhecimentos musicais mesmo elementares, – coisa que se adquire folheando qualquer história da Música, – poderá constatar, examinando os programas dessa sociedade [...], que é dificilmente possível reunir um tão escolhido número de bobagens de autores que quando não são desconhecidos são reconhecidamente ruins.”¹⁰

Cinco artigos da polêmica foram reelaborados por Mário de Andrade, trazendo o registro apenas das iniciais do opositor, e incluídos em **Música, doce música** (1934), com o título “P.R.A.E.”, na rubrica “Música de Pancadaria”, que colige textos “contra as temporadas líricas”, os “comerciantes de música”, o “amadorismo profissional” etc. No livro póstumo **Táxi e crônicas do Diário Nacional**, apresentam-se outras duas peças complementares, transcritas das

⁵ ANDRADE, Mário de. “Rádio” (9 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Ed. cit., p. 311.

⁶ ANDRADE, Mário de. “Rádio” (8 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Ed. cit., p. 308.

⁷ ANDRADE, Mário de. “Rádio” (11 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Ed. cit., p. 317.

⁸ ANDRADE, Mário de. “Rádio” (10 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Ed. cit., p. 315.

⁹ ANDRADE, Mário de. “Rádio” (11 jan. 1931). **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Ed. cit., p. 319.

¹⁰ PRESTES, José Antonio Ferreira. “Rádio deseducadora”, 8 jan. 1931. Série Matéria Extraída de Periódicos, Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros, USP (Arquivo MA, IEB-USP).

páginas do periódico.¹¹ À matéria que ganha publicidade no tempo do entrevero com a Rádio Educadora, soma-se um punhado de mensagens de leitores, sobre as quais o próprio escritor chamava atenção em dos artigos: “chuva de cartas e telefonemas me deu uma quantidade de acusações novas.”¹²

As mensagens conservadas pelo escritor em seu arquivo, hoje no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, testemunham a ressonância do debate jornalístico. Nos bastidores, destacam-se remetentes anônimos que desejam participar da contenda, tomando posição, colocando mais lenha na fogueira, ao sugerir “pauladas” no adversário do crítico. Além de um “leitor” e de “um admirador”, um “Amigo” oferece munição a Mário, ao enviar a “versalhada” do defensor da Rádio Educadora¹³, a quem o articulista, em 6 de janeiro, negava a qualificação de poeta.¹⁴

Uma quarta missiva, assinada “Carlos” – alguém que afirma não ser “entendido em música, mas gost[ar] dela” –, deseja possivelmente, também, o anonimato; afinal, nada no escrito deixa entrever laços de amizade consolidada. Diferente dos outros escritos, datilografados, neste o remetente patenteia a própria letra, em tinta e lápis de cor azul. Coloca-se ao lado do jornalista em sua causa, aumenta a grita dos que repudiam os anúncios e azeda-se diante da programação: “E hoje, seu Mário! Agorinha mesmo, você não ouviu? 20 ½ o Zezinho vai executar, e executou mesmo, o tango Bambino de [Ernesto] Nazareth. Eu que gozo o Nazareth aprimei mais o rádio. Você viu o troço que saiu? Se aquilo é o Bambino mais raios que partam a Rádio e que executem ela moda do Zezinho. Desaforo. A Revolução devia mandar prender o Zezinho e o cavaquinho dele e o Nazareth tocar a Rádio no fogo ou no lixo. Desaforo. Sujeito tocar de ouvido, colaborando na obra do Nazareth é desafinadíssimo.

¹¹ Trata-se dos artigos dos dias 8 e 11 de janeiro, ambos intitulados “Rádio”. ANDRADE, Mário de. *Rádio. Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 307-8; 317-8, respectivamente.

¹² ANDRADE, Mário de. “Rádio” (11 jan. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 317.

¹³ O remetente anônimo transcreve no início da carta o “Hino do Partido Republicano Paulista”, letra de Danton Vampré e música de Carlos de Campos. Na sequência, registra o comentário irônico: “Você está sendo injusto para com o Dr. Vampré. Ele é poeta de verdade, tanto assim que fez a letra para o Hino do P. R. P. [Partido Republicano Paulista] musicado pelo saudoso Carlos de Campos. Essa versalhada foi publicada pelo *Correio Paulistano* no tempo em que o velho órgão ainda não era *O Tempo*, em 1926.// Agora com a vitória da Revolução, o Danton naturalmente dirá que a letra foi feita para o Hino da Legião Revolucionária, sendo a música do dito JOÃO PESSOA... Bastará ligeira modificação...// A turma dos “melancias” é enorme!// Abraço de um AMIGO.” (Arquivo MA, Série Correspondência, IEB-USP).

¹⁴ “[...] não podendo se defender, resolveu atacar a minha poesia! Eu sou crítico profissional de música e seria até ridículo provar isso. Bom ou mau, sou. [...] Quanto ao advogado, D. V., poeta, nunca!” (6 jan. 1931). *Música, doce música*. Ed. cit., p. 210-1.

Rádio Educadora, uma ova!”¹⁵

As cartas anônimas pouco se aprofundam nas questões centrais da crítica de Mário de Andrade, ou seja, a necessidade de se elevar o nível das audições musicais, tendo em vista a formação do gosto; de proteger a profissionalização do músico; de criar um espaço para a difusão de composições nacionais e folclóricas. Para os carteadores, sobressaem o incômodo dos anúncios de purgantes, a antipatia em face de um cantor que é um “verdadeiro vomitório”, a duvidosa qualidade da produção lírica do oponente do crítico modernista e alguma coisa a mais. Constituem olhares superficiais sobre matéria grave, mas podem dizer algo a respeito da movimentação no campo cultural brasileiro, assim como do nível de conscientização desses leitores.

De outra “campanha”, anterior, aquela contra o monopólio comercial da Associação Nacional de Editores e Negociantes de Música, nos dois artigos intitulados “Trust musical”, do **Diário Nacional** de 23 e 25 de julho de 1929, Mário de Andrade conservou a carta, sem data, assinada “Algemado”, que consagrava ao crítico os “mais fervorosos e sinceros aplausos”, assim como fornecia argumentação para desdobramentos da polêmica. Em relação a cartas anônimas que lhe foram endereçadas nessa oportunidade, o jornalista, consciente de seu papel de “expositor e mesmo acusador das imoralidades de ordem social existentes nos meios musicais paulistas”, pondera: “já não se contam mais em número, as cartas de queixa e acusação que recebo constantemente [...]. Infelizmente essas cartas mantêm, com o anonimato sistemático, uma irresponsabilidade muito costumeira entre nós. Ninguém quer se responsabilizar. E todos, levados por essa comodidade própria em vez de apresentarem fatos concretos, únicos eficientes de denúncia pelo jornal, se limitam a acusar vagamente, com pontaria dúbias que indicam muita gente sem ferir diretamente ninguém.”¹⁶

O CASTIGO DE SER E OUTROS EMBATES

“Maleita I”, crônica dominical de Mário de Andrade, em 8 de novembro de 1931, causa estranheza nos leitores do **Diário Nacional**. O autor inicia o relato de episódio vivenciado no Rio Madeira, no retorno da viagem que, entre

¹⁵ Carta de 13 jan. 1931 (Arquivo MA, Série Correspondência, IEB-USP).

¹⁶ ANDRADE, Mário de. *Música, doce música*. Ed. cit., p. p. 248-9.

maio e agosto de 1927, estendera-se até as fronteiras do Peru e da Bolívia. A entrada pelos igarapés amazônicos, misteriosos – “mundo enorme de sugestões de boniteza, de prazer de aventura, de desejos viciosos de mistério, crime” – lhe deu o “desejo de [ter] maleita”, ou ainda, dito de maneira igualmente inusitada, de se entregar a uma “filosofia da maleita”. Repudiando a devastadora manifestação orgânica da enfermidade, ambicionava, na realidade, “a prostração posterior, o aniquilamento assombrado, cheio de medos sem covardia, a indiferença, a semimorte igualitária”. No desejo de “nirvanização” nesse espaço tropical, o cronista recusava a “civilização” e seu corolário de “sofrimentos e martírios”.¹⁷ Na semana seguinte, “Maleita – II” define melhor os contornos da almejada “preguiça maravilhosa de ser”, da experiência contemplativa que poderia colocar um termo à “curiosidade” do autor e “acalm[á-lo]” em sua “desgraçada vaidade de precisar ser alguém nesta concorrência aqui no Sul.”¹⁸

A reflexão de Mário se desdobrará em outras três crônicas, nos domingos subsequentes, “O castigo de ser” I, II e III, estimulado, sobretudo, por carta que “o comoveu muito”, assinada por um jovem leitor, e que seria parcialmente transcrita no primeiro texto da série. Na mensagem epistolar conforma-se decepção do remetente em face do escritor que aprendera a admirar e a defender dos detratores. Agora, diante do excêntrico desejo expresso na crônica, confessava ter ficado “sem ter muito argumento” em favor do modernista: “todos têm suas esquisitices, o sr. podia gostar da maleita mas ficar gostando só para si e não dizer isso pelo jornal.” Esse desajuste entre opinião dos leitores e os caminhos do pensamento crítico do escritor, se tornará o assunto central dos escritos seguintes. Tratava-se de tencionar o artista entre a “consciência pessoal” e a “consciência social”¹⁹; ou seja, tendo que optar pela coerência das próprias convicções, ou servindo aos anseios do público. De um lado, o individualismo egoístico; de outro, o anulamento das forças criativas, em favor do aplauso fácil. Na encruzilhada, o cronista não hesita em preferir “contrariar o público, porque por amor desse público, pretende transformá-lo e elevá-lo”. Embora sabendo dos riscos dos “encantos sublimes da solidão”, quer atuar como “fator dinâmico, como transformador, detestado embora”²⁰. Eis, então, “o castigo de desejar ser alguma coisa em

¹⁷ ANDRADE, Mário de. “Maleita – I”. (8 nov. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit, p. 453-5.

¹⁸ ANDRADE, Mário de. “Maleita – II” (15 nov. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit, p. 457-9.

¹⁹ ANDRADE, Mário de. “O castigo de ser – II” (29 nov. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit, p. 466.

²⁰ ANDRADE, Mário de. “O Castigo de Ser – III” (6 dez. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit, p. 471.

arte”²¹. Nessa percepção, vigora o potente dinamismo que determina os passos de um intelectual, no sentido forte da palavra.

Em “Castigo de ser III”, em 6 de dezembro, Mário desnuda o acomodamento de artistas a certos valores do modernismo da década de 1920. O uso do “verso-livre e a nacionalização das nossas artes no Brasil”, tomados acriticamente, tinham se tornado sinônimo de atualização estética. O crítico combate a “poetagem desbragada”, “versalhada (!) sem versos”, “isenta de qualquer disciplina”, tanto quanto a redução do éthos nacional a um minguado elenco de temas: “Mãe Preta, Carnaval, Recordações de Infância, Meu Brasil”, transformando em “pó de traque o que inicialmente pretendia ser uma elevação”²². Repudiava a imitação, exigindo do artista o desassossego na busca de soluções sempre novas para o “artefazer”.

Em 11 do mesmo mês, uma leitora dirige-se a Mário de Andrade, assinando apenas “L”. Essa “amiga e admiradora”, que assegura não ser artista, almeja justamente defender a validade e a importância da presença dos imitadores no campo cultural. Mostra-se atenta à produção jornalística e literária do escritor que devotava a “desmancha[r] tudo o que há de estabelecido” para colocar “coisas novas no lugar”; revela-se conhecedora de nomes expressivos da literatura europeia, da vanguarda (Jean Cocteau) ou de outras vertentes anteriores (Gabriele D’Annunzio). Do universo feminino, traz para a cena epistolar o nome do estilista francês Jean Patou. Concorda com Mário em certos pontos, discorda em outros; admoesta: “sinto um cansaço na sua luta, uma amargura nos seus ataques”. A mensagem fluente, inventiva, substanciosa na envergadura de conhecimentos e no exercício argumentativo, acaba por lançar luz sobre essa perspicaz leitora. Quem seria ela, afinal, nesse tempo em que poucas mulheres lograram obter projeção nas letras brasileiras?

Em março de 1939, Mário de Andrade assume, no **Diário de Notícias** do Rio de Janeiro, o rodapé “Vida Literária”. Em sua orientação crítica, o belo na obra de arte só se realiza com o pleno domínio da expressão. Leitor de estreates e jovens, censura fragilidades na construção literária, nota imperfeições no delinear de personagens, aponta traduções apressadas. Escolhe o miúdo do texto para desmascarar a pressa e o diletantismo. Focaliza a cada

²¹ ANDRADE, Mário de. “O castigo de ser – II” (29 nov. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 465.

²² ANDRADE, Mário de. “O Castigo de Ser – III” (6 dez. 1931). *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 470.

semana um pequeno grupo de autores, estabelecendo um fio condutor na discussão, problematizando determinados descuidos recorrentes. “A palavra em falso”, publicado em 6 de agosto, desencadeia acalorada a polêmica. Nesse artigo, Mário exemplifica, a partir de quatro livros de contos, como alguns vocábulos mal empregados conseguiram desvirtuar o valor artístico de um texto, porque chamavam inutilmente a atenção sobre eles. Sublinha, assim, o desmazelo artístico, lançando a proposição estética de que “forma significa especialmente o mecanismo que realiza com perfeição absoluta a finalidade ideal da coisa”²³. Esse preceito quer orientar os autores de textos de invenção, assegurando que o “artista digno” é aquele que, incansavelmente, procura afinar seu instrumento de trabalho.

Dialogando com esse artigo, o comentário sem autoria declinada, na revista carioca **Dom Casmurro**, figura o crítico de “Vida Literária” como o vanguardista que perdeu o vigor revolucionário: “Os moços [...] andam cabisbaixos, de orelha murcha, desiludidos com o ‘mestre’ transformado no último esteta, do ‘mestre’ sem acompanhar a marcha do tempo, do ‘mestre’ voltando a galope para o modernismo agora sem violência.”²⁴ Mário de Andrade responde às acusações na sua coluna “A Raposa e o Tostão”, em 27 de agosto, apresenta o momento literário degradado em uma “fase de apressada improvisação, em que cultura, saber, paciência, independência [...] foram esquecidos pela maioria”; retoma os princípios que propusera desde o início de sua colaboração no periódico: “[a crítica] não deverá ser nem exclusivamente estética nem ostensivamente pragmática, mas exatamente aquela verdade transitória, aquela pesquisa das identidades ‘mais’ perfeitas que, ULTRAPASSANDO AS OBRAS, BUSQUE REVELAR A CULTURA DE UMA FASE E LHE DESENHE A IMAGEM”²⁵. Na tréplica, “A Solidão é Triste...”, em **Dom Casmurro**, o oponente acentua o não-cumprimento daqueles tópicos que tornavam a crítica antes de tudo estética, em detrimento da “mensagem”. No artigo, refere-se a Mário como “guarda-civil da linguagem”, “sub-Wilde mestiço”, descobrindo covardia naquela “volta desesperada à

²³ ANDRADE, Mário de. “A Palavra em Falso”, **Vida Literária**. Org. e notas, Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 93.

²⁴ [Jorge Amado], [Sem título], **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, 12 ago. 1939 (Arquivo Mário de Andrade, Série Matéria Extraída de Periódicos).

²⁵ ANDRADE, Mário de. “A Raposa e o Tostão”, **O empalhador de passarinho**. 3.ed. São Paulo: Martins/Instituto Nacional do Livro, MEC, 1972, p. 102.

torre de marfim”. Tudo isso sugeria ao crítico da revista “uma reação ao social na obra de arte”. Nessa inflamada controvérsia, ouviu-se também a voz de Joel Silveira e de Graciliano Ramos.²⁶

Às mãos de Mário de Andrade chega a carta, autógrafa, de um “Grande admirador”, elaborada na mesma data em que a imprensa divulgou “A raposa e os tostões”. O remetente desvela um pouco de si (ou se esconde?), ao testemunhar que desfrutava “do encanto da [...] velhice.” Vinha com as “palmas jubilosas” pela “precisão” das críticas, mas acusava um “erro” de linguagem no rodapé, no emprego da palavra “profligou”. No post-scriptum, o remetente oferta, sorrateiramente, ao autor, como provisão argumentativa, duas citações do “grande homem”, o filósofo iluminista francês Voltaire; uma delas (“Se apenas se imprimisse o útil, ter-se-ia cem vezes menos livros”), em sintonia com os termos do artigo, parece vincular-se à passagem em que Mário contesta que escrever romances e poemas fosse “deixar correr a pena sobre o papel.”²⁷

Desde, pelo menos, a conferência “O movimento modernista” de 1942, Mário de Andrade vinha advogando mais ostensivamente em favor da maior participação do artista nas causas do tempo. Entrava em pauta o questionamento sobre o lugar do intelectual diante das turvas perspectivas políticas mundiais antevistas no desenrolar da Segunda Guerra. Ao ser entrevistado, em janeiro de 1944, por Francisco de Assis Barbosa, para a revista **Diretrizes**, do Rio de Janeiro, o autor incita a todos a lutar contra os regimes ditatoriais – “Todos são responsáveis!”; assegura que é “a essência mesma duma civilização que periclita”. Ao criador de obras de arte, caberia ter consciência clara de seu papel social: “O artista pode não ser político enquanto homem, mas a obra de arte é sempre política enquanto ensinamento e lição; e quando não serve a uma ideologia serve a outra, quando não serve a um partido serve ao ser contrário.”²⁸

Em 23 de abril de 1944, no artigo “Romain Rolland músico”, no **Correio da Manhã carioca**, Mário valoriza os escritos musicais do ficcionista francês, pela amplitude da pesquisa documental, consistência crítica, clareza

²⁶ Cf. MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. Edusp: São Paulo, 2007, p. 163-166.

²⁷ ANDRADE, Mário de. “A Raposa e o Tostão”, **O Empalhador de Passarinho**. Ed. cit., p. 103.

²⁸ ANDRADE, Mário de. “Acusa Mário de Andrade: ‘Todos são responsáveis’”. Entrevistas e depoimentos. Org. e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983, p. 102.

na exposição, textos nos quais se via o musicólogo emparelhado ao artista da expressão literária. Vislumbra nessa obra não “uma forma de amor pela ciência especializada, mas uma forma de amor dos homens”. No diapasão dos interesses políticos do criador de Macunaíma, Rolland tinha descoberto o “povo”; sua obra tornava-se lume de um tempo sombrio: “Ele veio revelar a críticos e cientistas musicais que a música era uma coisa mais complexa e geral que a perfeição da beleza: era uma arte e devia servir. Talvez ninguém em nosso tempo tenha compreendido mais que ele a arte como realização de vida e não como anseio de sobrevivência.”²⁹

Pouco tempo depois da divulgação desse artigo, o correio entrega na Lopes Chaves, 546, na Barra Funda paulistana, a carta vinda de Niterói, sem assinatura, coletiva, de “moços que continuam a amar a vida e o povo”, “filhos [...] de imigrantes”. Produzida na “madrugada 13 a 14 de maio”, a mensagem, em letra bem torneada, ao “mestre de vida Mário de Andrade” configura-se claramente como uma denúncia de caráter ideológico, aludindo à “atitude para-fascista” de “dois [...] colegas”. A atuação política do escritor, na seara democrática, poderia, como se vê, suscitar também ações grávidas de autoritarismo. Os jovens pranteiam a desistência dos “colegas [que] tiveram uma evolução paralela” a deles: “fomos juntos amar a Carlitos, fomos juntos ao cinema toda noite, para no final do discurso do Grande ditador começarmos a bater palmas para o cinema acompanhar, lemos os mesmos livros, livros de rapazes pobres que encontrávamos em sebos, colegas de literatura em cidades medíocres com bibliotecas como a de nossa cidade, amamos juntamente ao homem Rolland, pelo seu grande amor a todos homens. // E por isto nós andávamos doentes, corneados, de vermos colegas do amor a vida tornarem-se reacionários, falarem em tom pejorativo de Shostakovitch,³⁰ quando sabemos que eles não conhecem nada deste compositor, porque as discotecas do Rio nada têm, e as Sinfônicas pela sua

²⁹ ANDRADE, Mário de. “Romain Rolland, músico”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1944 (Arquivo MA, Matéria Extraída de Periódicos, IEB-USP).

³⁰ Dimitri Shostakovich (1906-1975), compositor russo. Mário de Andrade prefaciou a tradução brasileira da biografia **Dimitri Shostakovich**, de Víctor Seroff, publicada em 1945. Nessa apresentação, reflete sobre a singularidade da obra do músico: “Shostakovich [...] pretendeu servir politicamente à comunidade dum povo sem classes [...] o caso dele se apresenta excepcional e contraditório: um compositor erudito, erguido em sua cultura ao ponto do refinamento, e em sua técnica ao ponto de virtuosidade, construindo uma arte que funciona política, nacional e esteticamente para uma comunidade proletária”. Cf. “Dimitri Shostakovich”, in ANDRADE, Mário de. *A lição do guru: cartas a Guilherme Figueiredo, 1937-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p. 202.

formação reacionária não dão nada de novo.// Nós não conhecemos nada de Shostakovitch, mas amávamos este homem pelo amor à vida, como amamos a um Drummond, pela sua poesia em si, pelo querer viver, desconhecendo se ele tem ou não tem técnica. [...] Perdemos dois amigos, perdemos dois camaradas para construção de um mundo melhor.” Nessa mesma carta, Mário tem diante dos olhos a acusação acerba ao crítico literário austríaco, exilado no Brasil, Otto Maria Carpeaux, de quem o escritor modernista, sem poupar restrições, reconhecia “o valor e a utilidade certas entre nós.”³¹

NÃO LEIO CARTAS ANÔNIMAS

O apagamento da identidade do sujeito na carta anônima desestabiliza a noção de fidedignidade do escrito. Posto sob suspeição o autor, o mesmo se dá em relação à mensagem. O anonimato, ainda que em termos de apoio ao destinatário, realça os sentimentos ambíguos do remetente, já que preferiu esconder-se atrás da máscara. Sem o aval de confiabilidade que o nome pode conferir, essas missivas descaracterizadas (quer dizer, sem caráter) mobilizam igualmente sentimentos dúbios no destinatário.

Mário de Andrade, indagado em 1939, por Joel Silveira, da revista **Vamos Ler!**, se a sua obra recebia “muitas restrições e ataques”, responde em termos lúdicos, referindo-se às mensagens sem assinatura: “não leio cartas anônimas porque tenho receio de modificar o juízo otimista que faço da humanidade.”³²

Em pelo menos quatro oportunidades, o escritor confidenciou a amigos ter recebido ofensas anônimas, sem que pudesse rebatê-las no terreno intelectual. Em 1923, escreve a Sérgio Milliet, dando notícias dos ataques ao grupo modernista; uma das injúrias, pelo que se pode supor, teria vindo por carta: “Do Rio recebi duas formidáveis desconveniências. [...] o anônimo, furioso por causa dum artigo meu, chamou-me duma porção de ‘cretinos’, ‘cabotinos’, a lenga-lenga [...] habitual e terminava dizendo-me pederasta! Já sabia da reputação. Não me surpreendeu. Será a celebridade que se aproxima? Eis-me elevado à turva e apetitosa dúvida que doira a

³¹ Carta de Mário de Andrade a Álvaro Lins, 17 abr. 1944. ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins**. Comentários de José César Borba e Marco Morel. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 109.

³² ANDRADE, Mário de. **Entrevistas e depoimentos**. Ed. cit., p. 59.

reputação de Rimbaud, Verlaine, Shakespeare, Miguel Anjo, Da Vinci...”³³ Em 1924, no post-scriptum em carta a Manuel Bandeira, anota: “a propósito do artigo sobre o Osvaldo recebi do Rio uma carta anônima contendo os mais estupefacientes insultos.”³⁴ Em 1940, recordando-se dos “primeiros tempos do Modernismo”, conta a Moacir Werneck de Castro a truculência de que fora alvo: “É triste lembrar, mas há vinte anos atrás tive de engolir maiores e mais numerosos insultos, até o embrulho de bosta que vinha, com a assinatura (absolutamente ignorada) de quem mandava, o endereço, e as horas em que parava em tal ou tal lugar. Queriam brigar de soco, ou quem sabe de revólver! E o quê fazer, brigar? Virar armazém de pancada e minuetes diários com a Polícia por causa de uns sem-destino?...”³⁵ Dirigindo-se a Guilherme de Almeida, em 1944, recupera a época em que atuou como crítico literário no **Diário de Notícias**, quando foi perturbado com “cartas anônimas e telefonemas de insulto.”³⁶

Intelectual combativo e combatido, Mário de Andrade preferiu, contudo, recalcar a dor causada pelas injúrias e respeitar-se em sua integridade moral, descartando de seu arquivo a grande totalidade dessas cartas sem assinatura mencionadas em crônicas e escritos epistolares. Em sua correspondência³⁷ restaram apenas algumas dessas missivas, dentre as quais, quatro estão transcritas a seguir. Mostram-se importantes, na medida em que favorecem a apreensão mais ampla dos confrontos travados no campo cultural brasileiro e que despertam pontos de interesse no que tange aos mecanismos sociais, culturais e psicológicos que engendram as cartas anônimas.

³³ Carta de Mário de Andrade a Sérgio Milliet, 30 maio 1923. DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1985.

³⁴ Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, 31 out. 1924. ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. **Correspondência**. Org., introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/IEB, 2000, p. 143.

³⁵ Carta de Mário de Andrade a Moacir Werneck de Castro, 9 jan. 1940. **Mário de Andrade: exílio no Rio**. CASTRO, Moacir Werneck de. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.167.

³⁶ Carta de Mário de Andrade a Guilherme Figueiredo, 10 fev. 1944. ANDRADE, Mário de. **A Lição do Guru: cartas a Guilherme Figueiredo. 1937/1945**. Ed. prep. pelo destinatário. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

³⁷ **O Catálogo eletrônico da Correspondência de Mário de Andrade** (Org. Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo e Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: VITAE/IEB-USP) pode ser consultado no site www.ieb.usp.br.

“TOMO A LIBERDADE DE...”

(SELETA³⁸)

1

São Paulo, 10 de janeiro de 1931.

Sr. Mário de Andrade,

Tomo a liberdade de lhe dirigir estas linhas, apesar de não ter o prazer de o conhecer pessoalmente; tenho acompanhado a crítica, aliás justa que V. S. vem fazendo contra a atual diretoria da Sociedade Rádio Educadora Paulista. A orientação artística-educativa da Rádio Paulista é, realmente, vergonhosamente e abaixo da crítica – os homens que lá estão, não conhecem os mais elementares princípios de civilidade, parecem selvagens, que nunca tiveram contato com gente de sociedade.

Quer V.S. um exemplo do grau de educação do tal Vampré: basta ter ouvido esse homem naquela noite em que respondendo a V.S. despejou pelo microfone da Rádio os mais baixos insultos; e falando com irritabilidade e ódio só comparável a um louco; parece que estava babando e espumando de raiva; eu, antigo sócio da Rádio, que como já disse não conheço pessoalmente V.S., fiquei envergonhado com o conceito que devem fazer os estrangeiros de uma sociedade Brasileira, que se diz educadora, e tem como diretor um espécimen da ordem do tal Danton.

O programa da rádio é tudo o [que] há de mais banal e só se ouve valsas antigas do tempo do onça; mas isso ainda pode ser perdoado; o que ninguém poderá permitir é certos anúncios, que só um sujo, sem preconceitos sociais poderá aceitá-los, refiro-me a um anúncio de purgante que a rádio costuma fazê-lo na irradiação da noite, justamente na hora do jantar, nessa hora em que a maioria dos ouvintes estão sentados na mesa; na irradiação das 19 ½, o speaker da rádio costuma fazer esse anúncio... depois de um número de música barata, vem o tal speaker com estas palavras: “o purgativo caju é o melhor purgante, quem tomar esse purgante uma vez não usará

³⁸ A transcrição das cartas acatou as normas ortográficas atualmente em vigência. A carta 3 desta seleta também foi reproduzida em *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*, op. cit, p. 471-2.

outro.”

Ora, quem está sentado na mesa de jantar, em companhia de senhoras e cavalheiros, em agradável palestra, deseja ouvir falar em poesia, em flores, em coisas cheirosas, ouvir música, em suma passar algumas horas esquecida de coisas desagradáveis, esperando alguma música interessante da Rádio Educadora Paulista; imagina que gafe; depois de um número de música, vem o speaker com esse anúncio impróprio, inoportuno, nauseabundo para o momento, porque escolher a hora do jantar para falar em purgante, só mesmo de uma sociedade suja, e despedida de todo conhecimento e elementares senso comum... É grosseiramente nojenta uma sociedade que se diz educadora e faz anúncios de purgante na hora que a maioria de seus ouvintes devem estar sentados na mesa de jantar.

A campanha que V. S. está fazendo, é digna de todos aplausos, e só merece agradecimentos dos ouvintes da rádio – é uma obra altamente patriótica tentar corrigir os abusos e erros da ignorante diretoria, que está envergonhando nossa artística capital.

De um admirador de V. S.

Carta datada: “S. Paulo, 10-I-31”; datiloscrito original, fita preta; papel branco, pautado, filigrana; 1 folha; 28,1 x 20,4 cm; 4 furos. Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

2

São Paulo, 12 de janeiro de 1931.

Ilmo. Sr. Dr. Mário de Andrade.

Apesar de não o conhecer pessoalmente, tomo a liberdade de pedir-lhe em nome do povo de S. Paulo, o favor que se segue:

Como V.S. já está com a mão na massa, poderia fazer o favor de pregar umas “pauladas” nesses cantores que a Rádio apresenta e que (já por natureza são nulos) estão com a mania de imitarem um tal José Bohrs.

Esse homem já é um verdadeiro vomitório, e os que o imitam então...

Ainda ontem o Sr. Arnaldo Pescuma fez promessa de deixar o povo todo com o estômago atrapalhado... A prova de que os da Rádio sabem disso é que, assim que eles acabam de cantar, anunciam logo o Elixir Dória como sendo um grande remédio para o estômago.

Creio que esse negócio deveria merecer a atenção da Saúde Pública. Sem mais agradece um leitor.

Carta datada: “São Paulo 12 de Janeiro de 1931.”; datiloscrito original, fita preta; autógrafo a tinta preta; papel branco, filigrana; 1 folha; 27,7 x 21,6 cm; marcas de furo na borda esquerda. Arquivo MA, IEB-USP.

3

São Paulo, 11 de dezembro de 1931.

Mário de Andrade.

Tenho lido com muito interesse seus artigos sobre a maleita e o “castigo de ser”.

Aliás, leio sempre com prazer as cousas que V. escreve apesar de não estar às vezes de acordo com certas maluquices.

Nos seus livros, por exemplo, percebe-se através da extravagância da forma, a sua cultura, o seu adiantamento, a força formidável do seu ponto de vista que desmancha tudo o que há de estabelecido, mas põe cousas novas no lugar.

No princípio, isso desnorteia um pouco a gente, aflige, incomoda de verdade. É como nas moléstias graves; a gente quer sarar, mas faz careta para tomar o remédio e grita contra o médico.

V. Está o seu papel e de acordo com sua consciência porque é um batalhador sincero e diria até um precursor, se Jean Cocteau já não tivesse ensinado que não existem precursores, mas atrasados.

V. me parece, tinha força bastante para arrastar consigo para a frente, todos os atrasados, serenamente, sem grande esforço.

Mas, ultimamente sinto um cansaço na sua luta, uma amargura nos

seus ataques.

Antes, não era assim. Tudo o que V. dizia, era repassado de uma indiferença risonha, de um cinismo intencional e espirituoso, que faziam bem à gente. Dizia à sua moda o que pensava, fazia o que entendia, sem se preocupar com a existência dos outros.

Aquilo tudo estava dentro de V. e precisava sair; seus livros, seus artigos, suas aulas, eram uma espécie de vômito incoercível das coisas que se amontoavam no seu cérebro e não podiam mais ficar lá dentro. Vinham em jorro e puseram abaixo muito preconceito, esparramaram muita convicção.

Você não foi desde logo compreendido nem aprovado. E se isso acontecesse, não haveria um Mário de Andrade; milhões de Mários, submergeriam num instante o verdadeiro.

V. apareceu sozinho, debatendo-se, gritando, enquanto o pessoal cá de baixo procurava entendê-lo.

Alguns perceberam imediatamente que você tinha razão e apoiaram-no; outros julgaram talvez de boa-fé, que estavam à sua altura e quiseram ser os seus discípulos, seus profetas. E daí essa história de sempre: “o artista vendo as suas obras não generalizadas – o que seria um prêmio – porém academizadas, reduzidas a pó de traque”. Perfeitamente; é isso mesmo.

Não sou artista, mas sinto exatamente o que você disse porque gosto de arte e acompanho os artistas com muito interesse.

Aquilo tudo sobre o verso livre e o resto é formidável! A pura realidade.

Mas V. não devia irritar-se. Os imitadores também têm sua utilidade. São como as copistas de vestidos-modelos: põe ao alcance de todos o que só alguns privilegiados poderiam possuir. E a gente não fica tão contente de obter uma cópia de Patou?

O gosto assim vai-se educando, todo o mundo fica sabendo que existe um Patou no mundo e os vestidos que não se parecem com os dele, vão ficando desprezados. Que culpa tem a gente, de ter nascido longe de tudo e não saber o que vai pelo mundo?

Os grandes costureiros também se irritam e processam os imitadores. Entretanto mal sabem eles, que são os seus melhores amigos, porque revelam ao público as suas criações e obrigam-nos a inventar outras.

V. e alguns outros são como os chefes de fila; queiram ou não queiram,

comandam por dever de ofício. E quem lhes diz que da massa bruta dos recrutas não sairá um soldado tão valoroso como o comandante? Esses pobres imitadores já lhe estão prestando o melhor serviço que se pode prestar a um artista; libertá-lo de si e da glória.

Olhe D'Annunzio, por exemplo. V. Não o acha ridículo, assim todo enfatuado, transformado em múmia de um talento que já existiu?

Mas assim mesmo ficou. E os outros? Os que faziam estilo D'Annunzio, os discípulos que o academizaram? Onde andarão eles?

Os perigos da glória são grandes, os da solidão não são menores. Porém, não pode haver maiores, que os da insinceridade. Mudar de rumo só para não ser seguido? Seria melhor não olhar para trás.

Compreendo o seu desejo de maleita e de indiferença preguiçosa que ela produz. Mas evite a febre, os tremores, as crises terríveis que podem matar. Combata o mal-estar, a ansiedade, as congestões de fígado. Pegue da maleita a única coisa que vale a pena neste mundo e que V. tinha para dar e vender: severidade.

É o meu conselho de amiga e admiradora.

L.

Carta datada: "S. Paulo, 11.12.1931" ; autógrafo a tinta preta; papel branco, filigrana; 3 folhas; 27,3 x 21,0 cm. Nota MA: "Maleita". Nota MA a lápis preto: "?". Arquivo MA, IEB-USP.

4

Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1939.

Illmo. Sr. Dr. Mário de Andrade,

Acabo de ler o seu magnífico rodapé de hoje no Diário de Notícias e ainda estou batendo palmas jubilosas pela sua coragem e pela precisão de suas críticas literárias. Não esmoreça. Detenha esses passadores de moeda falsa no seu assalto despudorado das celebridades do pensamento e da pena.

Mas tenho uma observação a fazer-lhe: – há um erro seu, de linguagem, precisamente no momento em que verbera ou estigmatiza os erros de linguagem. O erro já sentou praça de acerto. Trata-se do verbo profligar. Toda a gente entre nós emprega este verbo no sentido de verberar, censurar, atacar. Está errado. Profligar que dizer lançar por terra, destruir, arruinar, derrocar e também vencer, desbaratar, arruinar, conforme se pode ver nos dicionários. O defeito de se não recorrer aos dicionários acarreta erros graves. Um dos nossos mais recentes acadêmicos, (J.C. de Macedo Soares) logo no período inicial do seu discurso de entrada na Academia Brasileira, empregou a palavra “baldão” no sentido de provérbio, adágio, rifão ou brocardo!!!

É verdade que o seu profligou no rodapé de hoje pode ser aceito na sua verdadeira acepção. Pode ser, apenas. Porque, na verdade, o sr. não se propôs a destruir ou derrocar “o amorfo” e sim a combatê-lo, e censurá-lo, etc.

Aplausos de desculpas de um seu
Grande admirador.

P.S. Tenho estado a reler Voltaire, para gozar um pouco mais o encanto da minha velhice. Passo para aqui estas duas frases do grande homem: – “Si l’on n’imprimait que l’utile, il y aurait cent fois moins des livres”. E mil vezes menos asneiras, acrescento. – “Il y a une grand différence entre le mérite d’un homme et celui de ses ouvrages.” Os “tostões” deviam ler Voltaire se querem chegar, pelo menos, a valor 5.000 réis.

Carta datada: “Rio, 27 de agosto de 1939”; autógrafo a tinta preta; papel cinza, filigrana; 2 folhas; 20,1 x 15,3 cm. Arquivo MA, IEB-USP.

Artigo recebido em: 02/05/2011
Aceito para publicação: 02/10/2011